

LIXO É LUXO: DA TRANSFORMAÇÃO DO DESPERDÍCIO EM RIQUEZA CULTURAL, ATRAVÉS DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA E ANIMAÇÃO TERRITORIAL.

Ana da Silva, Ilie Duță, José Manuel Soares

Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação

Universitatea de Vest Timisoara - Facultatea de Arte Plastice

*Centro de Investigação em Artes e Comunicação-Polo de Literacia
Digital e Inclusão Social*

RESUMO:

Nesta comunicação, apresentar-se-á o Projeto Arte na Rua que se enquadra no conceito das cidades criativas e resulta duma colaboração entre diversas entidades da comunidade, numa base de rentabilização de recursos locais e aproveitamento de resíduos como suporte da criatividade artística, em prol do rejuvenescimento cultural da cidade, valorização do património e qualidade de vida.

Mostrar-se-ão diferentes formas através das quais os/as artistas exprimem as suas preocupações ambientais e procuram, através da criação artística, alertar para a prioridade de reduzir a extração e transformação de matérias-primas, a produção e o consumo de bens e serviços, de forma a viver mais simplesmente para que outras pessoas possam simplesmente viver, numa economia circular e solidária.

O Projeto consiste em fazer arte envolvendo ativamente entidades na doação de resíduos indispensáveis à criação artística, encorajando à reflexão sobre hábitos consumistas, prevenção de resíduos e reciclagem.

Analisar-se-ão os pontos em comum de obras do projeto: uma arca frigorífica transformada num mapa turístico 3 D; ecopontos em moinhos; molas de colchões em cúpulas apocalípticas; tampas de garrafa feitas árvores; uma nau, uma palmeira, a lezíria ribatejana e a passarola voadora, etc., pintadas em paredes recuperadas pela expressão de artistas que querem travar o esgotamento de recursos naturais e democratizar a cultura pela ocupação do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: arte pública, animação territorial, reciclagem, resíduos.

RESUMEN:

En esta comunicación, se presentará el Proyecto Arte en la Calle, que encaja en el concepto de ciudades creativas y resulta de una colaboración entre diversas entidades de la comunidad, basada en la rentabilización de recursos locales y el aprovechamiento de residuos como soporte de la creatividad artística, en favor del rejuvenecimiento cultural de la ciudad, la valorización del patrimonio y la calidad de vida.

Se mostrarán diferentes formas en las que los/as artistas expresan sus preocupaciones ambientales y buscan, mediante la creación artística, alertar sobre la prioridad de reducir la extracción y transformación de materias primas, la producción y el consumo de bienes y servicios, de manera que se viva de forma más sencilla para que otras personas puedan simplemente vivir, en una economía circular y solidaria.

El Proyecto consiste en hacer arte involucrando activamente a entidades en la donación de residuos indispensables para la creación artística, fomentando la reflexión sobre hábitos consumistas, prevención de residuos y reciclaje.

Se analizarán los puntos en común de las obras del proyecto: un arcón frigorífico transformado en un mapa turístico 3D; contenedores de reciclaje en molinos; resortes de colchón en cúpulas apocalípticas; tapas de botella convertidas en árboles; una nave, una palmera, la llanura ribatejana y la passarola voladora, etc., pintadas en paredes recuperadas por la expresión de artistas que quieren frenar el agotamiento de los recursos naturales y democratizar la cultura mediante la ocupación del espacio público.

PALABRAS CLAVE: arte público, animación territorial, reciclaje, residuos.

O Projeto Arte na Rua - Breve enquadramento institucional e objetivos

Este projeto da ESE|Instituto Politécnico de Santarém, criado (em 2013) e coordenado por Ana da Silva, enquadra-se no conceito das cidades criativas e resulta de uma colaboração entre diversas entidades da comunidade, numa base de rentabilização de recursos locais e aproveitamento de resíduos como suporte da criatividade artística, em prol do rejuvenescimento cultural da cidade, valorização do património e qualidade de vida. Os objetivos e a filosofia do projeto são apresentados no primeiro vídeo do Arte na Rua, disponível em:

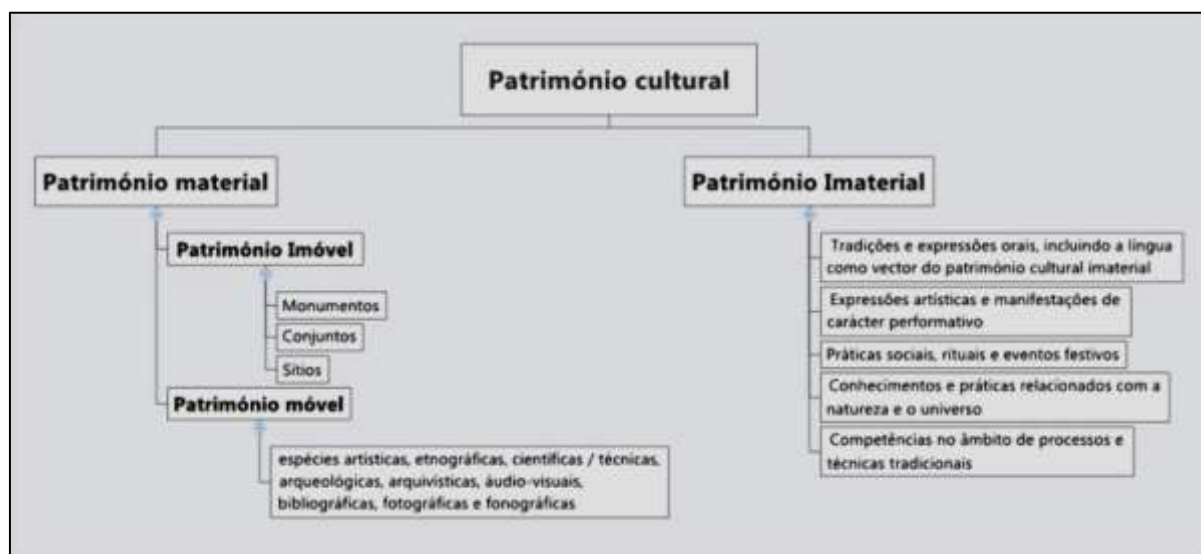
<https://www.youtube.com/watch?v=uul1QlqT8a8>

Enfatiza-se a necessidade não já de desenvolvimento mas de decrescimento sustentável, através da consciencialização para a prioridade de reduzir a extração e transformação de matérias-primas, a produção e o consumo de bens e serviços, de forma a viver mais simplesmente para que outras pessoas possam simplesmente viver, numa economia circular e solidária.

O Projeto consiste em fazer arte envolvendo ativamente entidades na doação de resíduos indispensáveis à criação artística, encorajando à reflexão sobre hábitos consumistas, prevenção de resíduos e reciclagem.

Arte na Rua, Arte Pública e Património Cultural

A arte na rua pode enquadrar-se nos diferentes tipos de património cultural, material móvel e imóvel, imaterial, tendo em conta o conceito de património cultural segundo a UNESCO, conforme representado no esquema abaixo:



Fi 1 – Fonte: Direção Regional de Cultura do Norte (s.d.)

A Lei de Bases do Património Cultural Português (UNESCO, s.d.) lembra-nos que o interesse cultural relevante artístico, social (e de outra natureza) dos bens do património cultural reflete, entre outros, valores de memória, autenticidade, originalidade, singularidade ou exemplaridade.

Da compilação de definições que faz Helena Barranha (2016, pags. 26-29), destacamos a definição da European Heritage Network, de património como bens herdados do passado, mas o passado não tem de ser remoto, pode ser ontem e a herança ser um relâmpago no presente, sem futuro a não ser na memória de quem teve a sorte de receber essa herança em primeira mão.

Quanto às definições, sugeridas por esta autora, da Conferência Internacional sobre Conservação (2000), Carta de Cracóvia e do Conselho da Europa/Convenção de Faro (2005), lembram-nos que património está associado às obras (humanas), e aos valores que representam, com as quais uma comunidade se identifica.

Estamos de acordo, só que a esperança de vida da obra de arte na rua pode ser muito curta, dependendo dos materiais utilizados, do contexto social, da vontade do/a artista que pode privilegiar a expressão e a comunicação, não se preocupando com a durabilidade da obra. A efemeridade das obras, muitas vezes deliberada, não se encaixa na definição-obsessão de património de bens a preservar a todo o custo para transmitir às gerações vindouras, por muito relevante que possa ser o

interesse cultural das obras e por muito que a comunidade se identifique com elas. É verdade que se pode sempre preservar através de um registo em vídeo ou fotográfico, mas nesse caso perde-se a materialidade do património material.

Helena Barranha (2016, pag. 41) sugere também uma definição de património urbano, da Comissão Europeia, segundo a qual:

o património urbano engloba três categorias essenciais: - Património monumental de excepcional valor cultural; - Elementos patrimoniais não excepcionais mas presentes de uma forma coerente e relativamente abundante; - Outros elementos urbanos relevantes, tais como: a forma urbana construída; os espaços abertos (ruas, espaços públicos); infra-estruturas urbanas (redes materiais e equipamentos).

O que nos interessa sublinhar aqui é a ideia da não obrigatoriedade da excecionalidade (que parece condição sine qua non nalgumas definições, seja a excecionalidade de carácter histórico, artístico, científico, etc.).

Arte na Rua é uma forma de Arte Pública: as pessoas não vão ao museu, nem à galeria, com a intenção de fruição artística ou de outra natureza (negócio, por exemplo), é a criação artística que vai ao seu encontro, quando passam nas ruas, jardins e noutros espaços abertos, na sua azáfama do dia-a-dia: “a localização da obra de arte é que converte o público que a circunda em público de arte” (Almeida, 2011, pag. 14). Ainda segundo Almeida, arte pública é:

a arte realizada de forma permanente ou efêmera, em espaços abertos ou fechados de circulação de público, locais estes de propriedade pública ou privada, nos quais obras de arte são dirigidas a um público geral ou específico, audiência esta que não está consciente de ser público de arte até o momento de defrontar-se com tais trabalhos artísticos. (2011, pag. 15).

Mais do que qualquer outra forma de democratização cultural, como por exemplo um museu público de acesso gratuito, a arte pública no sentido supramencionado promove o acesso de todos/as à arte e à criação artística, sendo certo que nem todos/as circulam/ocupam a mesma parte do

território, mas por isso mesmo é que o espaço escolhido para realizar/expor a criação artística é uma escolha de um público específico, ainda que a obra venha a atingir todo o território e para além dele. Mas é a localização que lhe confere um significado específico e permite um discurso crítico que relaciona intelectual e espiritualmente, de formas diferentes, as pessoas que transitam no espaço público entre elas, as pessoas com a arte, e/ou as pessoas com os/as artistas, podendo ser um elemento de atração turística.

Mas uma obra, que se pensou originalmente imóvel, no sentido de ser fixada ao chão, pode de repente mudar de localização, ser transportado para outro local, por sugestão das pessoas, inclusive dos poderes públicos, por variadas razões.

Perante uma obra de grande dimensão do Projeto Arte na Rua instalada no Complexo Andaluz, D. Quixote e a Cúpula (Pré) Pós-Apocalíptica, uma vereadora da Câmara Municipal de Santarém disse certo dia que a obra era excecional e merecia ser colocada num local público. Quando lembrada do facto de o espaço do complexo Andaluz ser público (no sentido de acessível a todos/as, mas também no sentido de muito frequentado pela comunidade), disse que deveria ser “num local mais público”. Quando indagada acerca do tipo de local que tinha em mente, disse no centro da cidade, atingindo mais público e outros tipos de públicos.

Receio do vandalismo

O facto de as obras estarem no espaço público, ao ar livre, em local de passagem expõe-nas à possibilidade e ao receio (de artistas e poderes públicos) de serem danificadas, destruídas ou roubadas pela população que habita, usa ou passa no local.

O sentimento face à precariedade pode ser vivido de forma diferente tendo em conta a história da arte pública num determinado território. Quanto o Projeto Arte na Rua iniciou, o artista que fez a primeira obra mencionava frequentemente os vários “se”. “Professora, e se roubaram a arca durante a noite?”, “E se a picharem com mensagens parvas?”, “E se forcaram a tampa, a abrirem e colocarem algo lá dentro?”, “E se trocaram os números dos monumentos?”. No caso da pintura mural, sobretudo o graffiti, os poderes públicos receiam a proliferação de graffiti no património edificado, atos de vandalismo de zonas históricas.

Atualmente, com a experiência, o sentimento tem vindo a mudar, porque não só as obras realizadas no âmbito do projeto têm sido respeitadas, como promovem o respeito e conservação do património. No caso das colunas da galeria exterior da ESES, pensou-se inicialmente que a pintura não iria durar muito tempo, porque muitas das colunas costumavam estar cheias de bocados de fita-cola, cartazes publicitários meio rasgados (que quem coloca não se dá ao trabalho de vir retirar), dando-lhes um aspeto degradado. Equacionou-se adquirir ou construir painéis para a publicidade, de forma a preservar as colunas desse risco. O certo é que não foram colocados quaisquer painéis para afixação de publicidade e, naturalmente, começou a haver muito menos “lixo” nas colunas, sem qualquer indicação do tipo “proibido afixar publicidade”. Deixou-se uma coluna por pintar junto à entrada da porta da escola e, sem qualquer indicação, é precisamente (sobretudo) nessa que os flyers e cartazes de publicidade vão aparecendo e desaparecendo, o que se averiguou ter sido uma boa estratégia de preservação da obra.

Trabalho de Projeto e Animação Territorial

Os/As estudantes desenvolvem competências de desenho e desenvolvimento de projetos. O projeto que desenham inclui geralmente: i) introdução em que descrevem o âmbito do projeto e explicam a sua motivação para participar no projeto; ii) a fundamentação do projeto; iii) a descrição do processo e técnicas de criação, iv) resultados esperados (esboços e/ou desenhos cotados, maquetes, simulação de fixação da obra no local pretendido com recurso ao Photoshop ou outros programas); v) identificação de potenciais “públicos”, colaboradores/as e parcerias, vi) o cronograma, desde a fase de desenho do projeto até à exposição/dinamização do produto final (obra); vii) o orçamento do projeto.

As principais dificuldades ao nível do desenho e desenvolvimento de projeto e, por conseguinte, as competências que mais desenvolvem são: i) estimar a duração da execução da obra (e cumprir o prazo estabelecido); ii) estimar a quantidade de materiais necessários para a obra; iii) estimar e orçar os custos do projeto; iv) analisar as condições de mercado; v) estabelecer parcerias de colaboração e angariar fontes de financiamento. Nenhum/a dos/as estudantes envolvidos neste Projeto tinha anteriormente elaborado um orçamento.

Também entendemos encorajar os/as estudantes de artes a sair do espaço da sala de aula, a experimentar espaços públicos para a criação e a exposição, outros espaços de comunicação e aprendizagem, criando oportunidades para que reflitam sobre o território onde nasceram e/ou vivem, que o estimem e valorizem, estabelecendo sinergias entre diferentes entidades locais, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua capacidade de planeamento e organização.

Segundo a Parceria de Desenvolvimento Anim@Te do Gabinete de Gestão EQUAL (2008, pág. 21):

Animação Territorial é um processo dinâmico de intervenção que pressupõe uma atitude reflexiva baseada numa problemática e/ou que pretende responder a um conjunto de aspetos específicos contextualizados num território”. Nasce “do encontro e sinergias entre os diferentes atores sociais (indivíduos, grupos, organizações, instituições) (...) numa atitude construtiva e de melhoria constante dos processos de cidadania activa (...) só faz sentido com as pessoas, as suas concepções de Território (...) e de Tempo. (...) uma memória, tanto individual como colectiva (...) que traduz as identidades territoriais.

Ana Batalha (2010, págs 13-30) fez um levantamento de arte urbana, por sinal exclusivamente pinturas murais, no bairro da Cova da Moura, feitas pelos/as moradores/as do bairro, “numa atitude proativa em relação ao seu bairro”, tentando a autora mostrar, na sua tese, que o planeamento urbano “de baixo para cima” empodera quem habita o território.

Para além da aprendizagem e experiência artística que ganham com este processo, a participação no Projeto Arte na Rua abre oportunidades aos/às estudantes de mostrarem e partilharem as obras que criam, contribuindo para a sua projeção no mercado de trabalho.

Arte, reciclagem e salvaguarda do património natural

Um dos objetivos da Agenda 2030 das Nações unidas (ONU, s.d., págs. 22-23) é “Tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis”, tendo entre outros propósitos “fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o património cultural e natural do Mundo” e

“reduzir o impacto ambiental negativo per capita nas cidades, inclusive prestando especial atenção à qualidade do ar, gestão de resíduos municipais e outros”.

Num modelo de desenvolvimento de economia circular, que devolve os materiais ao ciclo produtivo, o

“lixo” não é lixo, o nosso “lixo” tem valor, aquilo que é “lixo” para nós pode não ser para as outras pessoas. Se não consumirmos tanto, se deitarmos fora menos resíduos, reutilizando-os, recuperando-os, reparando-os ou reciclando-os, estaremos a contribuir para o bem-estar das famílias, para o aumento do PIB, para a criação de empregos (Cotec Portugal, s.d., ver também as empresas pioneiras da economia circular, segundo a Cotec), para a criação artística.

Não cabe nesta comunicação uma história dos/as artistas que recuperam e reutilizam “lixo” nas suas obras, (pre)ocupando-se de formas diferentes com o impacto ambiental negativo da produção de resíduos. Assim, lembramos apenas as origens e saltamos logo para as influências mais recentes.

Na esteira de Marcel Duchamp, nas décadas de 20 e 30 do século XX, o artista alemão Kurt Schwitters começou a fazer colagens de objetos recolhidos na rua, bilhetes de metro, bocados de madeira, arame, rodas de bicicleta, etc., sendo Merzbau uma das obras mais conhecidas, instalação destruída durante a II Guerra Mundial. Nos anos 50 e sobretudo na década de 1960 do século XX, vários/as artistas trabalharam com resíduos, refletindo sobre a quantidade cada vez maior de desperdício produzido, resultante da produção e consumo em massa. Em França, os chamados *nouveaux réalistes* (The Art Story Modern Insight, s.d.) com as acumulações de objetos de Arman, as colagens de cartazes rasgados de Hains e Villeglé, as assemblages mecânicas de Tanguely, as latas e garrafas comprimidas de Cesar Baldaccini, os objetos empacotados de Christo et Jeanne Claude.

Os materiais de desperdício de “Crucificação” ou do “Retrato do meu Amante” usados por Niki de Saint Phalle, única mulher que se associou ao grupo do Nouveau Réalisme.

Nos EUA, os detritos incrustados por Robert Rauschenberg na sua pintura. Os objetos descartados sujos e danificados usados pelo escultor Edward Kienholz e a sua crítica ao consumismo do sonho americano, entre outras questões de ordem social e política que a sua criação abordou. Também

Louise Nevelson, escultora americana originária da Rússia, usava bocados de madeira de edifícios devolutos nas suas obras. (The Art Story Modern Insight, s.d.).



Figura 2 - Raymond Hains et Jacques Villeglé, *Ach Alma Manetro* (1949). Fonte : Mnam -Centre Georges Pompidou, Paris



Figura 3 - Compressão de latas e garrafas de Cesar Baldaccini (1965). Fonte: Box Vox. César Baldaccini's Compressed Packaging Sculptures.



Figura 4 - Niki de Saint Phalle, *Crucificação* (1965); Louise Nevelson, *Sky Cathedral* (1958). Fonte: The Art Story Modern Insight - Artists



Figura 5 - Robert Rauschenberg, *Be* (1955). Fonte: MoMA Learning - Artists



Em Portugal, as instalações figurativas de Artur Bordalo, aka Bordalo II, são também uma crítica ao consumismo, transformando “lixo” industrial e eletrónico (e outro) em luxo artístico.

Fig. 5 - Bordalo II, *Olhos de Coruja* (2014). Fonte: Green Savers



Multiplicam-se as exposições como R4's - Reutilizar, Reduzir, Restaurar e Reciclar de 32 artistas que fizeram obras de arte com “lixo”, promovida pela associação Ready Mind (Silva, 2009) e as iniciativas como Recycle and Be Rewarded da marca Kiehl de recolha de embalagens vazias e troca por produtos gratuitos da marca através de sistema de acumulação de pontos. Veja-se a parceria entre a artista portuguesa Kruella D'Enfer e esta marca (Marketeer, 2017).

Fig. 6 - Obra da exposição R4's - Reutilizar, Reduzir, Restaurar e Reciclar, Fonte: Ready Mind



E os retratos escavados nas paredes de Alexandre Farto, aka Vhils, as portas de madeira que utiliza expostas na Dissolve na Austrália (Lusa, 2013) também são lixo transformado em luxo: "É quase como tornar visível a história dos detritos que a cidade deita fora. Seja as portas, as paredes, tudo tem camadas que nós estamos a expor, num processo arqueológico que é feito sobre a história recente." (Ferro, 2017).

Fig. 7 - Porta de Madeira de Vhils, exposição Dissolve (2013). Fonte: Público on-line



As estruturas em espiral e os iglus, construídos com argila, pedras, fragmentos de vidro e madeira, do artista italiano Mario

Merz (do movimento da Arte Povera) são um protesto contra a

desumanização e o consumismo.

Fig. 8 - Mario Merz - *From Continent to Continent* (1993);

Le case girano intorno a noi o noi giriamo intorno alle case? (1994). Fonte: Pinterest



A árvore de Natal de Jolanta Šmidtienė (Jobson, 2011), em Kaunas na Lituânia. Enquanto embaixadora da cidade, esta artista teve muitas ideias para salvar o planeta e poupar dinheiro da comunidade através da realização de vários projetos. Uma das obras com maior impacto foi a árvore de Natal de 13 metros de altura, feita de tampas de garrafas de plástico com luzes LED, que decoraram a cidade em 2011.

Jason Klimoski construiu um pavilhão em forma de nuvem, *Head in the Clouds*, com 53,780 garrafas de plástico, em Nova Iorque, no qual as pessoas podem entrar e talvez refletir sobre a quantidade de resíduos poluentes que produzimos diariamente. O artista quis mostrar quantas garrafas de plástico são deitadas para o lixo em apenas uma hora em Nova York (Designboom, 2017).

O tornado *Thrown to the Wind*, do artista Wang Zhiyuan (Zimmer, 2012), estrutura colossal em Pequim feita com embalagens de plástico, mostra a sua preocupação com a quantidade de lixo que as pessoas

atiram para o chão nas ruas de Pequim. Esta estrutura colossal foi feita para lançar a discussão em torno da poluição e seu impacto, já que nenhum lixo desaparece com o vento.

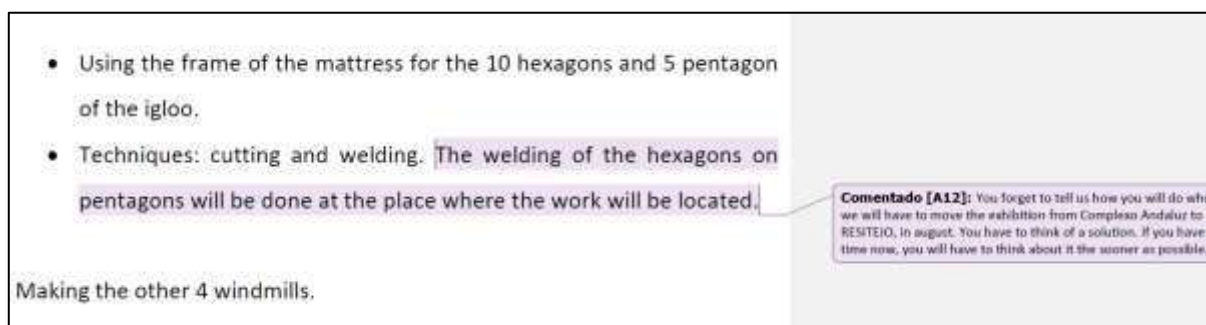
As esculturas de peixes gigantes instalados na praia de Botafogo no Rio de Janeiro (Jobson, 2012), durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) apontam para os riscos que as garrafas de plástico representam para o ambiente natural, especificamente o impacto negativo na vida marinha.



A especificidade do Projeto Arte na Rua

O Projeto Arte na Rua coze-se com as linhas enroladas acima. O que tem de novo é a sua função catalisadora do conhecimento, experimentação e criação artística de estudantes e ex-estudantes da Licenciatura em Artes Plásticas e Multimédia da Escola Superior de Educação de Santarém e a dinâmica e sinergias que tem criado com a cidade.

O projeto é normalmente apresentado aos/às estudantes no início do curso, embora alguns/umas já o conheçam, pois está visível nas paredes e no chão do Complexo Andaluz e, de alguma forma, já viram e falaram do projeto com estudantes dos anos anteriores. Durante o curso, no 2.º ou 3.º ano, alguns/umas estudantes mostram interesse em realizar obras sem qualquer vínculo a unidades curriculares. Podem também participar no quadro da unidade curricular Seminário ou Estágio, no final do 3.º ano. Fazem um projeto que é submetido a aprovação da coordenação do projeto, discutido e remodelado consoante as orientações propostas (sob forma de comentários na margem).



A última versão do projeto é submetida à consideração/aprovação da Direção da ESE e Presidência do Instituto Politécnico, e à autarquia, no caso de obras a expor na cidade.

Os/As estudantes interessados/as leem os projetos anteriores, estabelecem relações com estudantes que já participaram no projeto, partilham referenciais e ideias, pedindo-lhes, nalguns casos, algum tipo de colaboração na execução da obra.

O projeto tem 2 parcerias fixas: a Câmara Municipal de Santarém (com a qual se estabeleceu um protocolo de colaboração para este projeto) e a Resitejo - Associação de Gestão e Tratamento dos Lixos do Médio Tejo. Todos os anos, organizamos uma visita à Resitejo dirigida pelo Eng.º Filipe Melo, para dar a conhecer aos/às estudantes interessados/as a estação de triagem e o sistema de gestão de resíduos sólidos urbanos, que são potencialmente interessantes para a criação artística.

Os/As estudantes acabam por angariar outros recursos e outros apoios (restos de tintas dados por comerciantes e paletes, por exemplo), no sentido de solicitar o mínimo possível de financiamento ao Instituto Politécnico de Santarém. Em muitos casos, a obra não envolve custos pecuniários para o Instituto.

Não é possível apresentar uma descrição aprofundada das obras que caiba nesta comunicação. Assim, após uma proposta de organização das obras por categorias, tendo em conta características que lhes são comuns, abordaremos brevemente cada uma delas, sendo possível vê-las melhor no vídeo disponível em: <https://youtu.be/umV8Wpu-nV4>. Todas as fotografias das obras apresentadas abaixo são da autoria de Ana da Silva, exceto a do mural de Tomás Toste, que é do artista.

Propomos organizar as obras do Projeto Arte na Rua nas 6 categorias distintas, para cuja designação recorreremos ao latim: *monumentum, naturae, apparatus, conceptu, actum e ornamentum*.

Por **monumentum**, consideramos obras que evocam a memória cultural, lembrando os/as transeuntes de alguma pessoa ou evento associado ao nosso património cultural: a Passarola realizada por um ex-studante, João Maurício, aka Violant, mural de grande dimensão numa parede da Escola Superior de Gestão e Tecnologia do IPSantarém, retrata a máquina voadora (e todo o seu simbolismo de contra-poder, subversão, inovação científica), que Bartolomeu de Gusmão, Blimunda e Baltasar constroem em *Memorial do Convento* de José Saramago. Tendo sido inaugurada pelo Presidente do IPSantarém e Pilar del Rio, em 2014, esta pintura lembra um padre cientista e um escritor que marcaram a nossa história, assim como “os primórdios” da aviação: “do balão de ar quente que Bartolomeu de Gusmão fez ao rei D. João V e à corte no dia 9 de agosto de 1709 na Sala das Índias no Terreiro do Paço”. (Força Aérea Portuguesa, s.d.).



O peso da liberdade, de Tiago Jordão, escultura integrada nas comemorações anuais do 25 de Abril no ano 2016 e exposta numa antiga escola primária (S. Salvador) remodelada em incubadora de artes pela autarquia, lembra a revolução dos cravos associada aos valores democráticos, nomeadamente o direito à liberdade. A primeira ideia do estudante era fazer uma pintura mural, mas teria sido preciso passar por toda a burocracia relativa ao pedido de autorização à autarquia e à Direção Geral do Património Cultural (a morosidade destes processos não se coaduna com a transitoriedade dos tempos académicos). Assim, optou por esta obra escultórica suspensa entre as duas árvores e o gradeamento do antigo portão do pátio exterior, com resíduos (rede de galinheiro, fitas de velhas cassetes VHS, etc.) e sobras de trabalhos anteriores, combinados com elementos naturais como lenha:

No que toca à simbologia da obra, pretendi incorporar a dualidade entre a liberdade obtida com a Revolução de Abril, simbolizada nas asas abertas prontas a levantar voo, e o caminho para onde a nossa liberdade atual avança (com cada vez mais restrições no que toca a liberdade de expressão e de informação, por exemplo), caracterizado pelas correntes suspensas nas asas, mas presas ao chão, em tensão, prestes a quebrar, mas ainda assim fixas. Estes elementos, aliados a fita VHS (material valioso que tive a sorte de encontrar à beira de um caixote do lixo) conferem à escultura a sensação de movimento, seja devido ao vento ou ao reflexo de luzes. (Jordão, 2016).



A placa de identificação da obra foi impressa no Fablab da ESE de Santarém, estrutura que presta uma preciosa colaboração ao Projeto Arte na Rua. Criado em 2013, o FabLab é um espaço aberto à comunidade, de partilha de conhecimento, equipado com uma máquina de corte a laser, uma fresadora CNC, uma máquina de corte de vinil e impressoras 3D (Fablab ESE Santarém, 2017), onde são por exemplo cortados moldes para obras de stencil e as placas de identificação de obras do projeto.

Por *naturae*, entendemos obras que evocam o património natural e a utopia de futuro mais verde. São representativas desta categoria, a Nau de Violant.

Tratou-se da recuperação de uma parede em muito mau estado à entrada da cidade de Santarém. Para este mural, a coordenadora do projeto com o artista passaram um dia inteiro na cidade (Santarém e Ribeira de Santarém) a bater às portas de casas particulares (especialmente com

paredes por recuperar). O artista fala da representação da “falência” de um mundo em agonia (Silva & Soares, 2014), no filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiAaeU6q5ZE>

Aproveite-se esta obra para sublinhar a interação com a comunidade e a animação territorial: a solidariedade da vizinhança, que vai passando para ver a obra, com a D. Maria a fornecer água da sua casa para a execução da obra; a curiosidade de estudantes, que passam ver, conversar, aprender, ou filmar; o interesse de automobilistas que passam a perguntar quanto custaria fazer uma pintura nas suas propriedades, ou simplesmente meter conversa... e o pedido de João Herculano Simões, o proprietário, perguntando no final ao artista se poderia pintar a fachada principal do prédio, de branco, que também se encontrava em mau estado, que comprou depois a tinta... e o artista pintou. Dorul Leziriei foi realizado no âmbito do estágio curricular do curso de APM, por uma estudante romena em mobilidade Erasmus, Daniela Schinderman, aka Dani Skinder, como um hino à lezíria ribatejana (leziriei) e à saudade (dorul).

Dani espera que a sua intervenção inspire e encoraje outros/as estudantes a criar obras de arte na rua e esta é uma vertente importante do projeto. O projeto divulga-se a si próprio em cada nova obra e, de facto, cada obra é fator de motivação para fazer mais:

Queremos com esta pintura honrar essa mesma paisagem calma, meio escondida, e que é visitada por pessoas da comunidade que vêm fazer marcha ou corridas em volta do Complexo Andaluz (...). É esta sensação (...) de calma, introspeção e energia positiva que tenho sentido aqui, enquanto estudante de Erasmus, que quero partilhar com a comunidade local e académica (...). Quem sabe, poderá inspirar outros/as estudantes a serem mais interventivos no espaço académico. A pintura “Dorul leziriei” é constituída por dois elementos: Lezíria, o elemento feminino, do lado esquerdo, em tons de amarelo e verde, que representa a paisagem que lhe dá nome; o Tejo, o elemento masculino, do lado direito, em tons de cinza e azul, que representa não apenas o rio Tejo, mas também um estado de espírito. (Schinderman, 2015).



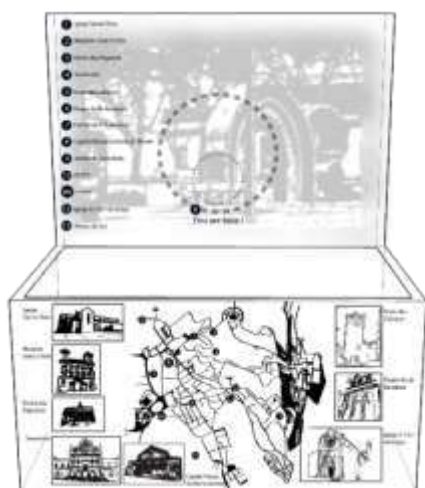
E cada obra não só inspira como potencia a aprendizagem colaborativa e a solidariedade entre estudantes. A Palmeira, graffiti de Ricardo Bedulho, teve a colaboração de João Domingos, aka Bigode (abaixo mencionado), não só na montagem dos andaimes como na utilização da técnica de stencil.

Trata-se de uma obra numa das paredes exteriores da ESE de Santarém, junto ao local onde, até ao final do ano de 2014, existia uma palmeira, ponto de referência para muitos/as estudantes. Nas palavras do estudante, a intenção foi “eternizar” a palmeira, ou seja “eternizar a memória da palmeira que entretanto desaparecera, esperando que seja plantada uma outra no mesmo sítio:



A palmeira suavizava o impacto duro e frio da torre com a cruz à entrada do Complexo Andaluz (cinzento, vertical austero, descontextualizado num ilhéu jardim, etc.). Agora que a Palmeira foi abatida, esta obra lembra e traz um pouco a perspetiva quente e exótica que a antiga palmeira natural dava àquele espaço, enquanto não plantam outra palmeira.” (Bedulho, 2015).

Night Owl, que poderia ser arrumada na categoria *Conceptu*, já que o artista, Tomás Toste, associou sobretudo esta figura à representação do conhecimento, fica aqui na categoria *Naturae*, porque entre tantos símbolos da sabedoria e conhecimento, o estudante selecionou um elemento representativo da biodiversidade do nosso património natural: a coruja (apesar de ser o mais difundido na nossa cultura ocidental e de assim correr o risco de banalidade), ave que pode ser encontrada no Ribatejo, em várias espécies como a coruja-do-mato e a coruja-das-torres (Elias, 2015).



Apparatus é uma obra com utilidade prática, de design de equipamento urbano.

A primeira obra do projeto, Scalabisarca, feita em 2013, é representativa desta categoria. Foi reutilizada uma velha arca frigorífica cedida pela Resitejo e transformada num mapa da cidade em 3 dimensões, representando

através da pintura alguns dos locais históricos da cidade de

Santarém. A obra foi fixada à calçada do Skate Parque de Santarém, tendo sido combinado com a autarquia que aí ficaria durante 3 meses. Acabou por ficar quase dois anos, até a pintura começar a estalar, nunca tendo sido danificada por atos de vandalismo (apenas um pequeno e discreto Tag).

Encaixa-se também nesta categoria o mobiliário urbano Sol e Lua, da autoria de Pedro Magalhães. Depois de fazer esboços do mobiliário (2 mesas e 6 bancos) à mão e em papel, com a intenção de criar um espaço descontraído cuja utilização pudesse servir de recreio e lazer no Complexo Andaluz, em colaboração com os serviços de ação social, o estudante fez desenhos 3 D com recurso ao SketchUp 2016. Com o Photoshop, experimentou cores. Procurou empresas que pudessem ceder-lhe paletes usadas, porque, como dia disse “uma das minhas maiores preocupações enquanto indivíduo e artista é respeitar o meio ambiente, tentando minimizar o impacto daquilo que produzo”. Uma empresa de transportes não só forneceu todas as paletes necessárias, como assegurou o transporte até ao ateliê de escultura.



um

Conceptu diz respeito a uma obra com forte significado social e político, na qual o pensamento é tão importante como a plasticidade, contribuindo para a tomada de consciência em relação a um conceito, um valor.

Taku, pintura mural na entrada do CDI da ESES, no espaço aberto em frente ao Bar, onde a maioria dos/as estudantes e trabalhadores/as da escola passa os intervalos, aproveitando para relaxar e conversar, foi realizado pela Daniela Schinderman acima referida, que quis regressar a Portugal no ano seguinte especificamente para fazer outro mural, no quadro do programa ERASMUS + Mobility For Traineeships.

Esta obra espelha a rede da comunicação humana, a sabedoria e o conhecimento, o potencial humano e revolucionário da cultura escrita, visual e acústica, como o ilustra A Galáxia de Gutenberg de Marshall McLuhan (1972). Segundo a artista: “This work is made to resemble a string ball that represents the infinite knowledge that we all share and learn, it has different lines and roads threw out it’s surface showing the different ways people can walk on in their lifetime.”

(Schinderman, 2016). Esta obra é uma marca visível da internacionalização do Instituto Politécnico de Santarém.

Virtualidades, de André Custódio, que estagiou no Arte na Rua, em 2015, é uma instalação, com pintura acrílica, feita com velhos computadores da nossa escola, que evoca as relações humanas mediadas por computadores, o afeto e o prazer sexual.



Os

ecrãs e os tons frios da paleta contrastam com o calor da relação amorosa, deixando-nos a ideia de um ato amoroso simultaneamente tão virtual como real. Talvez os computadores sejam mais um meio de aproximação entre as pessoas.

As obras de Ilie Duta, estudante doutorando na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Timisoara, que participou no Projeto Arte na Rua, no quadro de 2 mobilidades ERAMUS (uma em 2016 e outra em 2017), expressam uma crítica ao consumismo e consequente produção desenfreada

de resíduos, e são um apelo à reutilização de resíduos e à criação artística como reciclagem.

A primeira obra, de 2016, D. Quixote e a Cúpula (Pré) Pós-

apocalíptica, primeiramente exposta no Complexo Andaluz, foi realizada com resíduos cedidos pela Resitejo. O simbolismo dos moinhos de vento cristaliza o ideário da energia alternativa a alavancar uma cúpula futurista global de escassez ou mesmo



esgotamento de recursos numa oscilação permanente entre o real e o irreal num paralelismo aos moinhos de Cervantes.

Os 3 moinhos, feitos com velhos ecopontos queimados (vandalizados), dispostos em torno da cúpula, feita com molas de colchões, são símbolos da ecologia e da reciclagem. A preferência por contentores do lixo queimados não é acidental, serve uma dupla função: o fogo pode ser interpretado como um elemento catártico na arte, ou ser visto como uma intervenção a um objeto ready-made, conduzindo o espectador a tomar consciência de uma forma construtiva de salvar os recursos que são cada dia mais escassos.

As velas hexagonais dos moinhos de vento são feitas com detritos encontrados no “lixo”, sobretudo plástico e metal para realçar a reciclabilidade desses materiais destacando a possibilidade de estarmos a ser invadidos/as diariamente por embalagens, com cada produto embalado em inúmeras camadas.

A cúpula é o foco central da segunda componente num tributo artístico a Mario Merz (supracitado). A concha geométrica do novo abrigo usado num cenário pós-apocalíptico feito com a armação metálica e molas de colchões enferrujadas. O artista separou a parte têxtil da estrutura metálica manualmente, apesar de ter tido a possibilidade de requerer este processo à Resitejo.

Ilie Duta analisa a obra de 3 perspetivas diferentes, lembrando-nos aquilo que faz Henry James no livro *The Portrait of a Lady*, tal como analisado por Simon James (2012): “the Watcher, the Observer and the Artist”. Um primeiro elemento humano é o Observador, que observa a peça de perto, por dentro, a um nível primordial, sendo-lhe possível ver os detalhes da estrutura exata do “edifício”; o segundo personagem, o Expetador, vê a instalação por fora, permitindo-lhe uma leitura externa através dos hexágonos e pentágonos da cúpula; o terceiro personagem é o Artista, que se reserva os

“direitos” de analisar o que acontece à peça, enquanto os outros dois interagem, e de poder olhar de cima (pelo menos teoricamente) a relação e as reações de ambos, que se tornam parte integrante da obra, transfigurando-se a instalação num momentum de interação entre os 3 personagens.

A obra esteve exposta durante um mês e meio no Complexo Andaluz, tendo sido depois transportada para o Jardim das Portas do Sol (castelo), ex-libris da cidade, a convite da Câmara Municipal, que assegurou o transporte. A obra foi ali exposta 15 dias, durante o Verão In.STR, projeto da autarquia de dinamização do centro histórico. Depois, regressou à Resitejo para ser exposta e posteriormente reciclada, ilustrando o ciclo da economia circular.



A outra obra, mais recente, atualmente ainda em exposição à entrada dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico de Santarém, de Ilie Duta, designada Tornado Trees, é um manifesto artístico que incentiva a reciclagem alternativa e oferece a possibilidade de reutilizar tampas de plástico, tendo sido envolvidas 3 instituições educativas na recolha de tampas para a execução da obra, assim como a comunidade académica da ESES (através da colocação de garrações de plástico nos bares do Complexo Andaluz, com uma mensagem a solicitar às pessoas que aí depositassem as tampas das garrafas que compravam.

Durante 2 meses, em tempo letivo e por isso muita afluência de estudantes e trabalhadores/as da ESE, a quantidade de tampas recolhidas no espaço público resultou muito aquém do que esperávamos. O que surpreendeu foi que, após a exposição da obra, durante os meses de julho e agosto (com muito pouca afluência), recolhemos mais do dobro das rolhas. Talvez se possa depreender que a materialidade da obra feita é fator de motivação e dá significado à ação de depósito das tampas nos dispositivos de recolha. Os próprios garrações que fazem parte da obra começaram a ter mais rolhas, contrariando a habitual reserva em “mexer” nas obras de arte. Aquando da exposição da sua obra no Jardim das Portas do Sol, junto do espaço com baloiços, várias mães chamavam a atenção dos/as seus/suas filhos/as no sentido de não entrarem na cúpula e

nos moinhos: “isso não é para brincar”, “sai daí”, “não podem andar aí dentro”. Pois, a intenção do artista é que os/as transeuntes interajam com a obra o mais possível.



A obra é uma visão artística utópica de um modo de vida em que cada indivíduo se envolve na reutilização e reciclagem de materiais. Os tornados são representações das árvores urbanas, que agora escasseiam. O projeto tenta sensibilizar

o/a consumidor/a em geral, bem como o/a consumidor/a de arte para a proteção do ambiente.

Por **actum**, referimo-nos a atividades e performances artísticas destinadas a envolver as pessoas na arte em construção, a contactar mais diretamente com os/as artistas, a com eles/as aprender.

Nesta categoria, encaixam as projeções a céu aberto de filmes e arte digital em edifícios, tendo a primeira iniciativa contado com a colaboração da Cinemateca Portuguesa, que emprestou, a título gracioso, um filme dos anos 30 sobre Santarém, projetado na parede da Igreja do Marvila, Praça Visconde Serra do Pilar, com a colaboração da Diocese de Santarém, aquando das Jornadas Europeias do Património de 2014 (19 a 28 de setembro). Desde então, outras iniciativas da autarquia fazem este tipo de intervenção.



Fazem também parte desta categoria sessões de pintura, música e artes circenses em espaços públicos ao ar livre, atividades de expressão plástica com crianças nas ruas do centro histórico, dinamizadas por

estudantes da licenciatura de Artes Plásticas e Multimédia, da licenciatura de Educação Social e do curso Técnico Superior Profissional de Animação Sociocultural Aplicada ao Ecoturismo.

E ainda workshops abertos à comunidade de Santarém, como o workshop de graffiti À Janela (2014), dinamizado por João Domingos,



em que os/as participantes aprenderam a técnica de stencil, tendo pintado molduras em torno das janelas da Tertúlia do Instituto Politécnico de Santarém, depois de ter cortado manualmente os moldes em papel.



O tipo **ornamentum** é uma intervenção estética em estruturas já existentes. São obras desta categoria as colunas da galeria exterior da nossa escola, pintadas por Inês Isidoro e Luís Managem (em 2014) e o mais recente projeto de pintura de caixas da EDP, em parceria com a Câmara Municipal de Santarém, no âmbito do Projeto In.STRU.



Uma das caixas, da autoria de Ana da Silva, junto à Torre das Cabaças, o Núcleo Museológico do Tempo, representa a passagem do tempo

através de duas rodas dentadas de um relógio mecânico, cabendo numa delas a rosácea da Igreja da Graça, com motivos do túmulo de D. Pedro de Menezes no topo.

O que une todas as obras e todas as pessoas que participam neste projeto é acreditarem na falência do modelo de produção e consumo linear e na urgência de sensibilizar e consciencializar para a necessidade de adotar um modelo de economia circular, chamando a atenção para os limites da extração de recursos do planeta, para a necessidade de um decrescimento do consumo, do desperdício, da produção de resíduos. É acreditarem que a consciencialização ambiental para a preservação do nosso património natural pode passar pela criação artístico-cultural e desenvolvimento do património estético da comunidade, sendo o espaço público a imagem de quem o ocupa, nele passa e com ele interage.

Bibliografia

Almeida, J. (2011). *A especificidade da Arte Pública na 5.ª Bienal do Mercosul*. [Tese de doutoramento].

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Porto Alegre.

Barranha, Helena (2016). *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOSPortugal. Consultado a 5 de julho de 2017 em <http://istpress.tecnico.ulisboa.pt/files/E-book-patrimonio.pdf>

Batalha, Ana (2010). *Arte na minha Rua*. [Tese de Mestrado em Arquitetura.] Especialização Planeamento Urbano e Territorial]. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura.

Bedulho, R. (2015). *Palmeira. Projeto Arte na Rua*. [projeto não publicado submetido a aprovação superior]. Santarém: ESE|IPSantarém.

Cotec Portugal - Associação Empresarial para a Inovação (s.d.). *Economia Circular. Preservar, otimizar e assegurar recursos essenciais para o nosso futuro*. Consultado a 15 de junho de 2017 em http://www.cotecportugal.pt/imagem/20161122_EC_Booklet_Exposi%C3%A7%C3%A3o.pdf

Demoule, Jean Paul (2012) «Archéologie, art contemporain et recyclage des déchets». *Techniques & Culture. Revue semestrielle d'anthropologie des techniques*, 58.

Designboom (2013) *Head in the clouds: a plastic bottle pavilion by studioKCA*. Consultado a 5 de setembro de 2017 em <https://www.designboom.com/architecture/head-in-the-clouds-plastic-bottle-pavilion-by-studiokca/>

Direção Regional de Cultura do Norte (s.d.). *Património cultural*. Consultado a 5 de julho de 2017 em <http://www.culturanorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

Elias, G. (Coord.) (2015). *Guia Prático de Observação de Aves no Distrito de Santarém*. Portal avesdeportugal.info. Consultado a 15 de agosto de 2017 em

http://www.avesdeportugal.info/files/Guia_pr_tico_de_observacao_de_aves_no_distrito_de_Santar_m.pdf

Fablab ESE Santarém (2017). Consultado a 6 de setembro de 2017 em <http://w3.esesantarem.pt/fablab/>

Ferro, C. (2017). Vhils. Um artista do mundo que regressou às origens. *Diário de Notícias on-line*. 13 de fevereiro de 2017. Consultado a 20 de julho de 2017 em <http://www.dn.pt/sociedade/interior/vhils-um-artista-do-mundo---queregressou-as-origens-5663060.html>

Força Aérea Portuguesa (s.d.). *Museu do Ar. História*. Consultado a 15 de agosto de 2017 em <http://www.museudoar.pt/historia-historia>

Gabinete de Gestão EQUAL (2008). *Animação Territorial. Caminhos para a Inovação Social*. Lisboa: Parceria de Desenvolvimento Anim@Te / Gabinete de Gestão EQUAL. Consultado a 5 de julho de 2017 em http://www.ces.uc.pt/projectos/pis/wp-content/uploads/2013/09/EQUAL_-_Anima%C3%A7%C3%A3o-territorial.pdf James, S. (2012). *Maps of Utopia*. Oxford: Oxford University Press.

Jobson, C. (2011). *A Frugal Town in Lithuania Erects a Christmas Tree Made from 40,000 Recycled Plastic Bottles*. Consultado a 5 de setembro de 2017 em <http://www.thisiscolossal.com/2011/12/christmas-tree-made-from-40000recycled-plastic-bottles/>

Jobson, C. (2012). *Giant Fish Sculptures Made from Discarded Plastic Bottles in Rio*. Colossal. Consultado a 5 de setembro de 2017 em <http://www.thisiscolossal.com/2012/06/giant-fish-sculptures-made-from-discarded-plasticbottles-in-rio/>

Jordão, T. (2016). Apresentação da obra *Peso da Liberdade*. Comemorações do 25 de abril. Incubadora de Artes, Santarém.

Lusa (2017). Vhils inaugura a exposição "Dissolve" na Austrália. *Público on-line*. 19 de março de 2013. Consultado a 20 de julho de 2017 em <http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/7129/vhils-inaugura-exposicao-quotdissolvequotna-australia>

Marketeer (2017). *Kiehl's em projecto de arte com Kruella D'Enfer*. Consultado a 21 de julho de 2017 em <http://marketeer.pt/2017/06/16/kiehls-em-projecto-de-arte-com-kruella-denfer/>

McLuhan, M. (1972). *A Galáxia de Gutenberg*. S. Paulo: Nacional.

ONU (s.d.). *Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável. Para transformar o Mundo em nome dos Povos e do Planeta*. Consultado a 11 de julho de 2017 em http://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf

Shinderman, D. (2015). *Dorul Leziriei*. APM Galeria Virtual. Projeto Arte na Rua. Obras 2015. Consultado a 15 de agosto de 2017 em <https://apmgaleriavirtual.wordpress.com/dorul-leziriei/>

Schinderman; D. (2016) *Taku*. APM Galeria Virtual. Projeto Arte na Rua. Obras 2016. Consultado a 15 de agosto de 2017 em <https://apmgaleriavirtual.wordpress.com/taku/>

Silva, A. & Soares, Zm (2014), *A Nau*. APM Galeria Virtual. Projeto Arte na Rua. [Vídeo].Obras 2015. Consultado a 15 de agosto de 2017 em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiAaeU6q5ZE>

Silva, A. & Soares, Zm (2014). *Scalabiscarca. Projeto Arte na Rua*. [Vídeo].Portugal. ESE|IPSantarém. Consultado a 19 de junho de 2017 em <https://www.youtube.com/watch?v=uul1QlqT8a8>

Silva, A. & Soares, Zm (2017). *Arte na Rua*. [Vídeo]. Portugal. ESE|IPSantarém. Consultado a 10 de setembro de 2017 em <https://youtu.be/umV8Wpu-nV4>

Silva, R. (2009). Ambiente: 32 artistas fizeram do "lixo" obra de arte. *JPN - U.Porto*. 21 de Novembro de 2009.

Consultado a 20 de julho de 2017 em <https://jpn.up.pt/2009/11/21/ambiente-32-artistas-fizeram-do-lixo-obra-de-arte/>

The Art Story Modern Insight (s.d.). *Artists*. Consultado a 20 de julho de 2017 em

<http://www.theartstory.org/>

UNESCO (s.d.). *Lei de Bases do Património Cultural Português*. Consultado a 5 de julho de 2017 em

http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_law_1072001_law_cultural_heritage_pororof.pdf

Zimmer, L. (2012). *Wang Zhiyuan's 37-Foot-Tall Trash Tornado Spirals Into the Sky*. Inhabitat.

Consultado a 5 de setembro de 2017 em <http://inhabitat.com/wang-zhiyuans-giant-sculpture-whirls-like-a-tornado-of-trash/>

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Da Silva, A., Dutã, I., Seares, J.M. (2026), Lixo e luxo: da transformação do desperdício em riqueza cultural, através da criação artística e a animação territorial. En: <http://quadersanimacio.net> nº 44, Julio 2026; ISSN: 1698-4404